

UM DISCURSO DECOLONIAL SOBRE A IDENTIDADE PARDA NO CONTEXTO CONTEMPORÂNEO ATRAVÉS DA ARTE

Brigite de Aguiar Borges
Universidade Federal do Rio Grande (FURG)
Associado/a/e ANPAP: não

RESUMO

O texto aborda a invisibilidade da população parda no Brasil, marcada pelo racismo estrutural e pelo limbo identitário resultante da ideologia de democracia racial, abordada por Gilberto Freyre, em “Casa Grande e Senzala”. Pretendendo viabilizar a causa por meio do podcast “Mano a Mano”, de Mano Brown, e do políptico “Este solo é ruim para certos tipos de flores”, de Pamela Zorn, ambos artistas mestiços que trabalham sobre suas vivências e as implicações resultantes de sua cor. Fazendo uma análise do discurso, a fim de investigar o processo histórico de miscigenação brasileiro e contextualizá-lo com as narrativas contemporâneas.

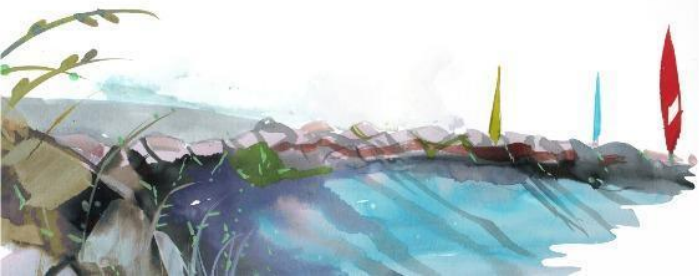
PALAVRAS-CHAVE

Pardo/mestiço. Miscigenação. Negritude. Democracia racial. Limbo identitário.

Há um tempo, comecei a me questionar: por que, dentro da universidade, quando o professor fala em sala sobre representatividade no meio artístico e cita colegas negros meus para exemplificar a importância de se apropriar desses espaços, meu nome, assim como o de outros colegas pardos, nunca é citado? Será que não somos negros o suficiente? Porque na rua não importa o quão diluídos sejam os seus traços negroides, o preconceito sempre os permeia, quando olham feio, seguram as bolsas firmes e aceleram o passo. Mas se eu me autodeclarar negra, eu não sou negra o suficiente. O eterno limbo do mestiço em um país miscigenado.

O presente resumo pretende através de uma pesquisa decolonial, usar como amostra trabalhos como o podcast “Mano a Mano”, do rapper e compositor Mano Brown, e o políptico “Este solo é ruim para certos tipos de flores”, da artista contemporânea Pamela Zorn, para evidenciar a vivência mestiça, que se encontra apagada em um país miscigenado como o Brasil. Como trazido na fala de Mano Brown:

“Nunca fui nada assim: mais forte, mais bonito, mais isso, mais aquilo. Eu era a música que eu fiz: magro, fraco, invisível na esquina. Tem essa coisa do racismo e tem a coisa do invisível, os dois são ruins. O invisível é aquele que não é visto, é um monte, não é notado. É a cor da maioria, que ninguém vê, do feirante, que não vai chamar pra comercial de surfe nem fazer comercial de carnaval, é no máximo o



segurança da balada.” (Mano Brown, PodPah, 2022 apud Marina Ferreira Gonçalves Moreira, 2024).

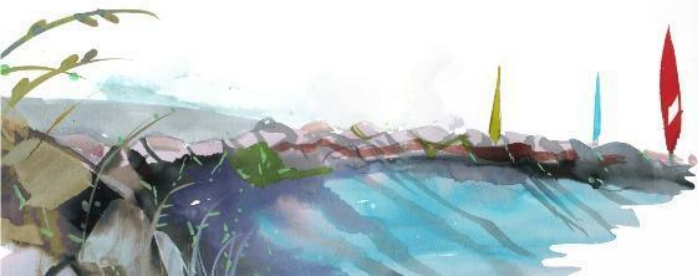
Mano Brown reflete sobre a invisibilidade do pardo dentro da sociedade, mesmo se tratando da grande maioria, situação essa nem um pouco atual, propagada desde o Brasil escravocrata. Onde a miscigenação passou a ser tratada como uma ideologia de democracia racial, como visto em “Casa Grande e Senzala” de Gilberto Freyre, onde o mesmo argumenta que a miscigenação aproximou as raças rumo à uma identidade nacional, “a miscigenação que largamente se praticou aqui corrigiu a distância social que de outro modo se teria conservado enorme entre a casa-grande e a mata tropical; entre a casa-grande e a senzala” (ibidem, p.33).

A miscigenação foi um processo visto por muitos escritores da época como degradação da espécie, como comentado na tese de dissertação “Os olhos verdes da mulata: diatribes implícitas sobre a mestiçagem brasileira”, de 2022, onde é tratada a crença de que a cópula entre espécies distintas geraria indivíduos instáveis e incapazes, dado a natureza inferior das demais raças em relação a branca. Uma degeneração da raça pura ao se misturar com as demais, mistura essa dita inevitável por Freyre, dado a falta de mulheres brancas nos anos iniciais da colonização e a nudez cativante da indígena junto à doçura da negra escravizada.

Em decorrência dos processos miscigenatórios ocorridos em grande parte pelo estupro de mulheres negras e indígenas, a população brasileira se tornou majoritariamente mestiça. Preocupando o estado, pois por mais que os mestiços/pardos fossem mais aceitos socialmente, continuavam a ser sinônimo de inferioridade e regresso quando comparados a brancos, como comentado no livro “Espetáculo da miscigenação”, de Lilia Schwarcz. Aflitos com essa imagem, instauraram um processo de embranquecimento, que visava apagar a herança negra do Brasil através da miscigenação, diluindo as características negroides até seu desaparecimento, o pardo não era inicialmente para ser uma designação, mas um meio transitório rumo à branquitude (SCHUCMAN, 2016, p. 186 apud Pamela Zorn Vianna, 2021).

“A democracia racial faz da miscigenação o dispositivo que organiza a narrativa do não-racismo simultaneamente ao branqueamento do corpo espécie da população. O mestiço é o símbolo desta unidade nacional construída sob a égide da harmonia racial e da eliminação das linhas de cor como fator determinante da dinâmica social.” (Weschenfelder e da Silva, 2021 apud Denisy Fernanda De Sousa Silveira, 2021).

A falsa ideia de democracia racial dividiu o povo negro, entre negros retintos e pardos (negros de pele clara), trazendo a impressão de que os negros são minoria no país, pelo menos segundo as estatísticas do censo do IBGE de 2022, que aponta os negros como 10,2% da população brasileira, enquanto os brancos representam 43,5% e os pardos 45,3%. A divisão é estratégica, são anos de ideologia racial enraizada na mente da população, o ideal colorista no Brasil vendeu a ideia de que o negro quanto

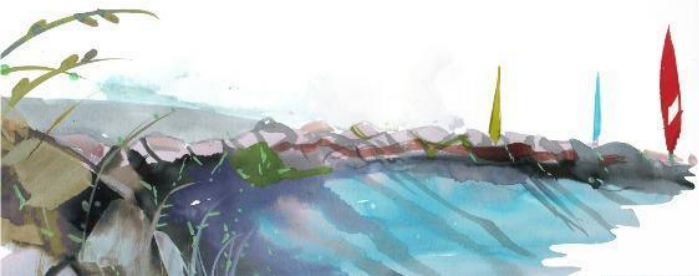


mais claro mais afastado está da esteriotipação do negro escravizado e melhores oportunidades encontrará socialmente. O mestiço em busca de fugir desse contexto estereotipado afasta-se da sua negritude, enraizada como algo negativo, sendo comum o uso das palavras moreno e mulato como eufemismo da palavra negro ou preto, mas o que seria o moreno e o mulato se não preto? Ele sabe que não é branco mas também não consegue se enxergar como negro, ficando em um limbo identitário, onde se mantém quase metade da população brasileira, uma massa que se vê alienada por anos de discriminação.

Trabalhos como os dos artistas Pamela Zorn e Mano Brown, são necessários para a desconstrução do racismo estrutural que permeia o país desde de sua formação e a construção de uma identidade étnica da população parda. Ambos em diferentes instâncias trabalham em cima de suas vivências como mestiços, o limbo que por muito tempo habitaram ou ainda habitam.

Pamela Zorn trás em sua poética as questões interraciais presentes em seu núcleo familiar, sendo mestiça, filha de mãe com descendência alemã e pai com família majoritariamente negra, vivendo segundo ela em uma espécie de ponte, um não lugar, não se vendo dentro da experiência vivenciada pelos pais. Entende ela que, ao abordar a cor/mestiçagem como elemento de sua poética em suas obras, adentra as questões históricas que rodeiam o tema, principalmente dado ao índice elevado de casos de racismo em seu estado natal, o Rio Grande do Sul, conhecido pela colonização de imigrantes alemães e italianos durante o século XIX, e a negação da participação da população negra em sua construção.

Em sua obra “Este solo é ruim para certos tipos de flores”, Pamela pinta sobre e recobre antigas pinturas suas, retratando uma foto sua quando criança com vestes típicas alemãs e frases avulsas que vinham à sua cabeça durante a produção. O uso de folhas já usadas ao invés de novas, tem como objetivo trazer uma dimensão pictórica, com peso metafórico trazido através da história percorrida pelo papel anteriormente, ela repete a mesma imagem de diferentes formas, variando tonalidades, densidade da tinta, clareza nas pinceladas e uso da forma.



extremos

34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

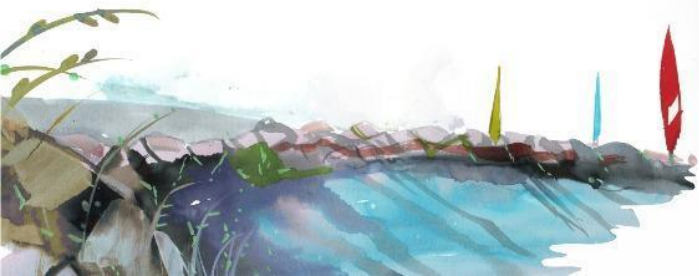


Pamela Zorn Vianna, Arquivo de trabalho, 1999.



Pamela Zorn Vianna, políptico Este solo é ruim para certos tipos de flores, 2020-21, acrílica sobre tela, 180 x 330 cm

No políptico é possível se ver além da representação variada de sua foto de infância diversas frases que discutem a respeito da vivência parda, destacando a pintura onde a artista escreve “queimadilha parda escurinha mulata morena cor de cuia”, que traz de volta termos já citados no texto, que evidenciam o limbo identitário onde o pardo/mestiço se encontra. A obra “Este solo é ruim para certos tipos de flores” foi exposta no principal museu do Rio Grande do Sul, o MARGS, localizado na capital do estado, Porto Alegre, desempenhando grande peso social, pois é uma artista mestiça ocupando o espaço institucional, visibilizando a vivência parda e os dilemas enfrentados por tal, dado a uma historicidade racista em um estado marcado pelo mesmo.

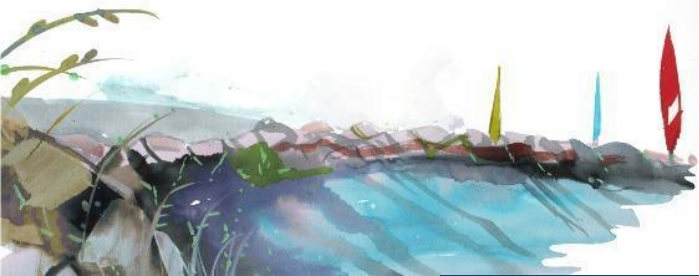


Enquanto isso, temos Mano Brown debatendo sobre o tema dentro da cena do rap, evidenciando sua vivência dentro de suas letras e fazendo uma denúncia à discriminação racial e de classe social. Lançando em 2021 o podcast “Mano a Mano” no Spotify, que tinha como objetivo levar informação ao povo de uma forma desconstruída, debatendo com figuras importantes de diferentes círculos sociais, sobre: discriminação, preconceito, hierarquia de classes, entre outros tópicos político-sociais.

“No Brasil, a informação é negada, principalmente, para o povo afro. A ideia é apresentar conteúdos úteis que nem sempre chegam nas pessoas. É entretenimento, mas também vamos levar informação.”
(BROWN, Disconversa, 2021 apud Marina Ferreira Gonçalves Moreira).

O podcast teve enorme sucesso, chegando a ser o terceiro mais escutado na retrospectiva do Spotify de 2022 e recebendo o prêmio da Associação Paulista de Críticos de Artes (APCA), na categoria “Melhor Podcast” em 2023. O podcast apresenta atualmente quatro temporadas, tendo contato com a participação de várias figuras ilustres da sociedade, como Drauzio Varella, Djamila Ribeiro, Emicida, Seu Jorge, Gregorio Duvivier, Angela Davis, Sueli Carneiro, Ludmilla, Dexter, Delegado da Cunha, Conceição Evaristo, Gilberto Gil, Lula, Marina Silva, Djonga e Regina Casé. Ele procura, através de seu programa, levar informação ao público marginalizado, uma informação condizente com a realidade deles, conversando com a vida e adversidades desse público, trazendo em diversas conversas a figura do mulato e a invisibilização da massa parda, que enfraquece o movimento de luta antirracista.

A busca por uma identidade étnica é trazida por ambos os artistas, a necessidade de se fazer visto e entender as implicações da cor da sua pele no contexto social e político ao qual se está incluso. Como pode ser visto no livro “O Averso da Pele” de Jeferson Tenório, onde o personagem principal, um homem negro, toma noção de sua negritude ao longo da narrativa e passa a perceber como grandes acontecimentos de sua vida estiveram ligados a ela e que não era possível se desprender dela, tomando consciência do contexto social que tangia a sua cor. Conceito este importante para elucidar o limbo da mestiçagem e a importância da tomada de consciência do meio, na formação de uma unificação e fortificação da luta sociopolítica afro-brasileira.



extremos
34° Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS



Imagem 1. Anpap 34° Encontro, Extremos, 2025. Digital, 10cm X 10cm. Design: Sandro Ka.

Referências

VIANNA, Pamela Zorn. Entre lugares: uma investigação pictórica sobre autorrepresentação e identidade. 2021.

DUARTE, Adryele Maria Gomes de Oliveira. Os olhos verdes da mulata: diatribes implícitas sobre a mestiçagem brasileira. 2022. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro.

ZAMORA, Navas. Denisy Fernanda De Sousa Silveira. 2021. Tese de Doutorado. PUC-Rio.

MOREIRA, Marina Ferreira Gonçalves. Pessoas pardas no Brasil e o dilema da identificação racial: uma análise do podcast Mano a Mano com Regina Casé. 2024.

TENÓRIO, Jeferson. O avesso da pele—Vencedor Jabuti 2021. Companhia das letras, 2020.

FREYRE, Gilberto. Casa-grande & senzala. Global Editora e Distribuidora Ltda, 2019.

Pardos são maioria da população brasileira pela primeira vez, indica IBGE. Disponível em: <<https://www.gov.br/secom/pt-br/assuntos/noticias/2023/12/pardos-sao-maioria-da-populacao-brasileira-pela-primeira-vez-indica-ibge>>. Acesso em: 16 jun. 2025.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Espetáculo da miscigenação. Estudos avançados, v. 8, p. 137-152, 1994.

Notas

Brigite de Aguiar Borges é graduanda do curso de Artes Visuais Licenciatura da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Campus Carreiros. É bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), no subprojeto Artes Visuais. <<https://lattes.cnpq.br/3372093745008313>>. Acesso em: 16 de jun. 2025.